



"Passagem" (1963): antecipando o neo-expressionismo



Da "fase negra" (64): único momento de protesto

ARTE

Modelo para gerações

A OBRA MÚLTIPLA DE
IVAN SERPA REVISTA

• Galeria Klee, Rio

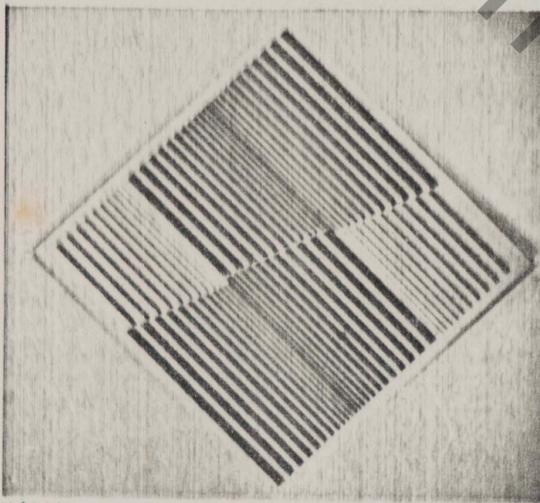
Um ano depois de sua morte, ocorrida em abril de 1973, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro homenageou Ivan Serpa com a mais completa retrospectiva de sua obra. Foram reunidas 90 pinturas, 141 desenhos, 31 gravuras e 2 objetos. Depois dessa mostra, não é que sua obra tenha caído no ostracismo total, mas é certo que a ela não tem sido dada atenção correspondente à sua importância na história da arte brasileira.

Foi necessário esperar quase uma década para que sua obra, copiosa e quase sempre genial, começasse a ser revista. Curiosamente, sabendo-se que Serpa foi um dos pioneiros da arte geométrica no Brasil, esta revisão começou pela "fase negra" (1964), o único momento decididamente de protesto em sua obra, e que a crítica Aracy Amaral definiu como "esgares terríveis de um tempo apocalíptico". O súbito prestígio desta fase do artista explica-se, sem dúvida, pelo sucesso da pintura neo-expressionista dos anos 80, da qual ele seria, no Brasil, um antecipador, ao lado de Iberê Camargo e Flávio-Shiró. Obras da "fase negra" estiveram expostas na mostra *Entre a Mancha e a Figura* (MAM, 1982) e na

sala especial da última Bienal de São Paulo (1985) dedicada ao expressionismo brasileiro.

Pinturas do seu primeiro período geométrico, o do grupo Frente, que ele criou e liderou entre 1954 e 1956, puderam ser vistas no levantamento da vertente construtiva da arte carioca feito pela Galeria de Arte Banerj, em 1984, mostra que circulou, posteriormente, por várias capitais brasileiras. Em seguida, na mesma galeria, em mostra comemorativa dos vinte anos de *Opinião 65*, lá estava de novo Serpa com pinturas que podem ser rotuladas de "nova figuração". Finalmente, no final do ano passado, Maurício Leite Barbosa expôs em sua galeria 45 pequenos guaches informais, realizados pelo artista com brilho virtuosístico, em apenas alguns dias de novembro de 1961.

É esta diversidade de estilos e propostas que levou a crítica a identificar em Serpa um "fenômeno de periodização", "vãos desassossegados" com freqüentes mudanças de percurso. Mas a observação lapidar a este respeito foi feita pelo



"Ritmo em Vermelho": geometria

crítico carioca Jayme Maurício: "Não há estilo Serpa, há uma adesão de Serpa a um estilo". Adesão que não estava marcada pelo oportunismo, mas por uma necessidade quase compulsiva de pôr à prova a versatilidade de seu talento, sustentado por um impecável artesanato.

A atual exposição é a primeira tentativa, depois da monumental retrospectiva de 1974, de oferecer uma visão do percurso artístico de Serpa, com apresentação de obras que ilustram seus diferentes períodos e fases. As 28 obras expostas, a maioria de pequeno porte e realizada sobre papel, pertencem a três colecionadores cariocas, os engenheiros Orlando Bessa e Paulo Lima e o jornalista e publicitário Alfredo Sotto de Almeida.

As obras não estão à venda, mas se estivessem custariam de 30 mil (pequeno desenho da "fase negra") ou 200 mil (uma de suas raras colagens feitas a alta temperatura, de 1954) até 1 milhão de cruzados para uma pintura geométrica de 1968. Bessa, proprietário da galeria, garante que "o nosso objetivo é tornar mais conhecida a obra de Serpa, especialmente junto às novas gerações". Lima, por sua vez, acha que Serpa é um exemplo a ser seguido pelos artistas jovens, destacando nele "a intransigente proibição profissional, que o levou, não poucas vezes, a substituir, para em seguida destruir, obras de sua autoria, de propriedade de alguns colecionadores, por considerá-las insatisfatórias".

Espera-se que, depois desta pequena amostragem, algum dos nossos museus rompa o silêncio e realize a exposição que o Brasil deve a um dos seus maiores artistas.

Frederico Morais